



**24° ENANCIB**  
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação  
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação  
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



**XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação**

**SOCIEDADES DOS SABERES COMPARTILHADOS: UM CAMINHO DE (DES)ENVOLVIMENTO**

***SOCIETIES OF SHARED WISDOM: A PATH FOR DEVELOPMENT ENGAGEMENT***

**Juliana Akemi Andrade Okawati – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

**Enrique Muriel-Torrado – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** No presente trabalho, apresentamos o histórico de concepção das noções de 'Sociedade da Informação' e 'Sociedade do Conhecimento' para destacar outras alternativas que emergiram ao longo de uma disputa de conceitos, com o objetivo de fundamentar uma proposta original de 'Sociedades dos Saberes Compartilhados'. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, descritiva-exploratória que propõe um olhar crítico à construção de conceitos na área, refletindo sobre os três termos que constituem a proposta: Sociedades; Saberes (ou Sabedoria); Compartilhamento. Assim, primeiramente, recorreremos à ideia plural de sociedades, para, em seguida pautar uma reflexão acerca da noção *arandu* do povo Guarani, que revela uma forma particular de sabedoria. Como resultado, demonstramos como diferentes concepções de mundo potencializam este debate, concluindo que a própria ação de compartilhamento é saída para um mundo que mesmo repleto de dados, informação e conhecimentos, parece agir com tão pouca sabedoria. Nossa intenção última é inspirar um movimento mediante justiça social e epistêmica, construindo caminhos de (des)envolvimento rumo às 'Sociedades dos Saberes Compartilhados'.

**Palavras-Chave:** Sociedade da Informação. Sociedade do Conhecimento. Sociedade dos Saberes Compartilhados.

**Abstract:** In this present work, we present the historical conception of the notions of 'Information Society' and 'Knowledge Society' to highlight other alternatives that have emerged throughout a dispute of concepts, with the aim of proposal an original perspective of 'Societies of Shared Wisdom'. Methodologically, it is a bibliographical, descriptive-exploratory research that proposes a critical look at the construction of concepts in the field, reflecting on the three terms that constitute the proposal: Societies; Wisdom; Sharing. To do so, firstly, we resort to the plural idea of societies, to then focus on a reflection around the *arandu* notion of the Guarani people, which reveals a particular form of wisdom. As a result, we demonstrate how different worldviews enhance this debate, concluding that the very act of sharing is a solution for a world that, despite being full of data, information and knowledge, seems to act with such limited wisdom. Our ultimate intention is to inspire a movement

towards 'Societies of Shared Wisdom', promoting social and epistemic justice, as a path for development engagement.

**Keywords:** Information Society . Knowledge Society. Societies of Shared Wisdom .

## 1 INTRODUÇÃO

Parece não haver um consenso em relação à designação da sociedade em que vivemos, sendo a diversidade de termos e adjetivações, antes de tudo, um reflexo de uma origem, área de conhecimento, referencial teórico, posição filosófica ou política que decidimos assumir para qualificar o momento presente.

No campo da Ciência da Informação, as mudanças promovidas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) abrem um amplo debate, que se potencializa na articulação com as demais áreas de conhecimento, muito embora em termos de referência essa discussão parece se limitar a uma “clássica” controvérsia: ‘Sociedade da Informação’ vs. ‘Sociedade do Conhecimento’.

No presente trabalho, para além de discorrer sobre o surgimento e desenvolvimento de ambos termos, como já demonstram variados estudos (Bruch, 2005; Ambrosi; Peugeot, Pimienta, 2005; Dziekaniak; Rover, 2010) buscamos fortalecer uma outra abordagem possível: as ‘Sociedades dos Saberes Compartilhados’, cientes de que “qualquer termo que se queira empregar para designar a sociedade na qual vivemos, ou à qual aspiramos, seja objeto de uma disputa de sentidos, por trás da qual se confrontam diferentes projetos de sociedade” (Burch, 2005, p. 6).

Conforme discorre Sally Burch, frente às limitações que tanto a ideia de ‘Sociedade da Informação’, como a ‘Sociedade do Conhecimento’ apresentam, ao longo do tempo, surgiram outras propostas alternativas, embora nenhuma delas tenha sido realmente levada a sério, ou mesmo teoricamente desenvolvida. “Uma variante interessante, que surgiu no contexto dos debates sobre a CMSI, embora tivesse pouca repercussão no processo, é a de “sociedade(s) do saber compartilhado” ou “dos saberes compartilhados”.” (Burch, 2005, p. 7). Tal proposição, lançada por Adama Samassékou<sup>1</sup> entre outros da Cúpula Mundial sobre a

---

<sup>1</sup> Malines, na época presidente da CMSI e presidente da Academia Africana de Línguas. Esteve à frente do Ministro da Educação em Mali entre 1993 a 2000.

Sociedade da Informação (CMSI) é por nós endossada e aqui fundamentada desde uma perspectiva própria.

Assim, nosso objetivo é apresentar uma proposta original para construção das ‘Sociedades dos Saberes Compartilhados’, entendida como um projeto ideal a ser alcançado. Para tanto, percorremos cada um dos seus termos. Primeiro, nos valendo da compreensão de sociedades no plural, para então abrir espaços para outros saberes, aqui demarcados por uma sabedoria ancestral. Por último, a ação de compartilhamento evidencia um caminho de (des)envolvimento, palavra neste trabalho intencionalmente separada de seu prefixo para reforçar uma oposição à ideia desenvolvimentista, substituindo-a pelo envolvimento, conforme sugere o povo Guarani.

Sendo essa proposta, provavelmente, percebida como incomum e/ou inusitada a área da CI, justificamos nossa escolha pela articulação que as concepções Guarani nos provocam a realizar, contrapondo-se tanto a um pensamento ocidental hegemônico, como a um tipo de conhecimento específico, inspirados por outras iniciativas que se abrem neste campo da informação ao contestarem e reconhecerem o potencial de outros saberes e epistemologias para sua formação (Mercier; Stevens; Toia, 2012; Righetto; Karpinski, 2021).

Por fim, mais do que a intenção de cunhar uma terminologia problematizando as definições que a antecedem, a proposta das ‘Sociedades dos Saberes Compartilhados’, busca ampliar o sentido para a construção de relações mais coletivas, mediante justiça social e epistêmica. Nos lembra um antigo dito, evocado por Bauman (2007, p. 11): “Se você quer a paz, cuide da justiça [...] diferentemente do conhecimento, a *sabedoria* não envelhece”.

## **2 CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Esta é uma pesquisa bibliográfica, descritiva-exploratória. Como pesquisa bibliográfica, entende-se que sua função é desenvolver a base teórica da pesquisa, fundamentada pelo acúmulo do conhecimento sobre determinado tema. Enquanto a pesquisa descritiva-exploratória, pretende identificar as características de determinado fenômeno, para então explorar novas perspectivas, investigando questões ainda pouco exploradas (Lakatos; Marconi, 2003).

Isto posto, partimos do levantamento da literatura em torno dos conceitos ‘Sociedade da Informação’ e ‘Sociedade do Conhecimento’, especialmente fundamentado pela revisão

de Burch (2005), reconhecendo seus limites e contradições para pautamos a proposta de ‘Sociedades dos Saberes Compartilhados’.

Cabe destacar que essa proposta emerge da experiência pessoal da autora, que, há mais de uma década em contato direto com o povo Guarani, tem aprendido que um outro mundo é possível. A escolha do termo *arandu* e do próprio percurso do texto é reflexo dessa relação. Embora não se pretenda abarcar a complexidade da cultura Guarani, essa breve abordagem demonstra como a valorização de outros saberes pode lançar luz sobre os problemas que hoje enfrentamos enquanto uma sociedade governada por um regime de informação imposto pelo capital.

Por fim, tendo em vista a invisibilizadas da autoria indígena no que tange a comunicação científica, ao longo do trabalho, além de citar os sobrenomes – que por vezes, coincidem com a própria etnia – indicamos os primeiros nomes das autoras e autores indígenas em sua primeira aparição ao texto, que segue referenciada posteriormente com os sobrenomes, conforme indicação da norma. Tal prática é expandida às demais autorias, conforme as recomendações de Sandra Nodari (2021) como meio para evidenciar também a creditação de mulheres em publicações acadêmicas entre outras.

### **3 (DES)ENVOLVIMENTO: DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO ÀS SOCIEDADES DOS SABERES COMPARTILHADOS**

Pensar a sociedade por meio da categoria da informação não é algo novo, mas que gradativamente foi se notabilizando diante das dinâmicas sociais atreladas a um movimento de globalização imposto pelo capital. Na compreensão de Byung-Chul Han (2015; 2017) esse regime de informação ao qual fomos submetidos, nos transformou em uma 'Sociedade do Cansaço', ou ainda da transparência, da exposição, da aceleração, do controle entre outros adjetivos utilizados pelo autor para ilustrar a crise compartilhada que experienciamos.

Antes de adentrarmos a essa problemática, vale destacar o histórico da ‘Sociedade da Informação’ que se sustenta até os dias de hoje. Como descreve Burch (2005) este conceito é introduzido por Daniel Bell na década de 1970, com o desenvolvimento da Internet e das TICs se firmando frente a um cenário de “construção política e ideológica que se desenvolveu das mãos da globalização neoliberal, cuja principal meta foi acelerar a instauração de um mercado mundial aberto e “auto-regulado” (Burch, 2005, p. 2). Já nos anos 2000, com ampliação do

acesso a diferentes formas de comunicação, percebe-se que a ideia de uma “globalização benéfica” foi ganhando seus apoiadores, que buscavam reafirmar o conceito.

Complementando esse histórico, Armand Mattelart (2006) destaca a imprecisão que a noção de informação, replicada pela ‘Sociedade da Informação’ acabou por reproduzir:

A tendência a assimilar a informação a um termo proveniente da estatística (data/dados) e a ver informação somente onde há dispositivos técnicos se acentuará. Assim, instalar-se-á um conceito puramente instrumental de sociedade da informação. Com a atopia social do conceito apagar-se-ão as implicações sociopolíticas de uma expressão que supostamente designa o novo destino do mundo (Mattelart, 2006, p. 71).

O autor tece sua crítica àqueles que buscam amenizar os impactos de um regime hegemônico, reforçando no próprio vocabulário o logotipo da globalização, na proposição de uma ‘sociedade global’. Contestando o ciberdeterminismo que invoca essa visão, reforça e valoriza diferentes formas de resistência que emergem confrontando os ‘novos’ modelos de exploração e de opressão. Assim, ao problematizar a ‘Sociedade da Informação’ e o que esta representa e reproduz, trata dos “múltiplos entrecruzamentos das mediações sociais, culturais e educativas pelos quais se constroem os usos do mundo digital e que estão na própria origem da vida democrática” (Mattelart, 2001, p. 174).

No que tange a noção de ‘Sociedade do Conhecimento’, é somente no final dos anos 1990 que o termo foi empregado justamente como contraponto à ‘Sociedade da Informação’. Enquanto para essa última a informação impulsiona o crescimento do capitalismo e agrava as desigualdades sociais, do outro lado, a ‘Sociedade do Conhecimento’ estaria baseada no direito à informação em um projeto de construção coletiva (Dziekaniak; Rover, 2010).

Além disso, Burch (2005) explica que paralelamente outras abordagens fundamentadas como a ‘Sociedade da Inteligência’ proposta de André Gorz, e ‘Sociedade Informacional’ de Manuel Castells, apareceram como alternativas. Ademais, houve ainda uma iniciativa de ressignificação do termo ‘Sociedade da Informação’ pela CMSI e Declaração da Sociedade Civil incluindo uma visão de:

[...] justiça social, política e econômica, e da plena participação e habilitação dos povos; destaca os objetivos de desenvolvimento sustentável, democracia e igualdade de gênero; e evoca sociedades onde o desenvolvimento se enquadre nos direitos humanos fundamentais e esteja orientado para alcançar uma distribuição mais equitativa dos recursos. (Burch, 2005, p. 5).

A autora demonstra como este debate se desenrolou intensamente, destacando a contraposição ao admitir-se não a informação como fundamento central, e sim a sociedade, isto é: “[...] Enquanto a primeira faz referência a dados, canais de transmissão e espaços de armazenagem, a segunda fala de seres humanos, de culturas, de formas de organização e comunicação (Burch, 2005, p. 5). Nesta direção, a tentativa de induzir ao uso do termo ‘Sociedades da Informação e da Comunicação’, que embora ampliasse a perspectiva, acabou sendo recebido com ressalvas, sobretudo, advindas daqueles que defendiam a ideia de ‘Sociedade do Conhecimento’, uma vez que:

[...] quem o defende considera que evoca, justamente, uma visão mais integral e um processo essencialmente humano. Outros, contudo, se opõem pela associação com o conceito dominante, que reduz o conhecimento à sua função econômica (a noção, por exemplo, do “knowledge management” nas empresas, que sugere essencialmente como obter e tirar proveito dos conhecimentos dos seus empregados); o que valoriza somente o tipo de conhecimento supostamente objetivo, científico e digitalizável em deterioração daqueles que não o são (Burch, 2005, p. 7).

É deste ponto que a autora expõe a proposta encabeçada por Samassékou na 1ª CMSI de validar a ‘Sociedade do Saber Compartilhado’, ou ainda ‘Sociedade dos Saberes Compartilhados’, visto não se tratar particularmente de “uma informação que se difunde e se compartilha como de uma sociedade na qual se quer comunicar de outra maneira e compartilhar um saber. Trata-se, pois, de uma sociedade do saber compartilhado e do conhecimento” (Burch, 2005, p. 7). No prefácio da obra *“Human Rights in the Global Information Society”*, o próprio Samassékou (2006) enfatiza a importância de reduzir as desigualdades na garantia dos direitos humanos, tendo a comunicação como eixo central para construir pontes entre povos e culturas.

[...] esta oportunidade requer abertura e capacidade de abraçar e refletir sobre uma série de diferentes perspectivas e realidades. Se estivermos dispostos a enfrentar este desafio, a sociedade da informação pode proporcionar uma enorme oportunidade de aprendizagem para todos nós (Samassékou, 2006, p. 8, tradução nossa).

Embora o autor manifeste o desejo por uma nova sociedade baseada na informação, comunicação humana e conhecimento compartilhado, a proposta se destaca - ao menos neste trabalho, já que parece não ter tido repercussão suficiente - como um ponto de partida. Isso ocorre porque ela potencializa a ação do compartilhamento, que, neste trabalho, assume uma outra dimensão.

Corroborando com a questão, vale lembrar a iniciativa da UNESCO ao adotar o termo de ‘Sociedades’ (no plural) desde os anos 1980, com o intuito de evidenciar e reconhecer regimes epistêmicos plurais (Mattelart, 2001).

Nota-se ainda que Alain Ambrosi, Valérie Peugeot e Daniel Pimienta (2005), já enunciaram uma intenção próxima ao texto ‘Rumo às Sociedades dos Conhecimentos Compartilhados’ pautando a construção de caminhos plurais, onde a informação e suas tecnologias não podem por si só constituir um projeto comum, sendo esses antes de tudo, seus resultados inerentes a forma a qual decidimos lidar com elas.

Deixar exprimir e crescer a criatividade, fazer circular os conhecimentos, abrir os patrimônios dos saberes aos mais pobres, mesclar as culturas sempre respeitando suas diversidades, recusar as regressões religiosas nutridas de ignorância, proteger e promover as liberdades, anular o confisco da palavra... Criar um ambiente propício para que se desenvolva o desejo de comunicar, de estar e de construir juntos. Essas são tantas das alavancas à nossa disposição para colocar a informação ao serviço de uma dinâmica de paz, de respeito e de solidariedade. Ao serviço das sociedades dos saberes compartilhados (Ambrosi; Peugeot; Pimienta, 2005, n.p).

Mas, como fazer isso? Esse é o desafio que nos propomos a refletir, assumindo a pluralidade das formas e organização de sociedades, para a seguir fundamentar nossa escolha pela utilização do termo ‘saberes’ e não ‘conhecimentos’, que apesar de frequentemente utilizados como sinônimos, aqui se vale de uma diferenciação epistêmica, potencializando a ação, a própria *práxis* de compartilhamento a qual o termo remete<sup>2</sup>.

### 3.1 A Sabedoria no modelo Dikw<sup>3</sup>

Quando se fala em dados, informação e conhecimento no campo da Ciência da Informação, comumente nos deparamos com uma ideia de hierarquia em que cada um destes elementos são dependentes do outro, se complexificando do menor grau para o maior. Ainda que esta tríade envolva uma série de aspectos teóricos, históricos e pragmáticos (Semidão, 2014), o dado geralmente é tratado como uma simples observação sobre um estado. Por sua

---

<sup>2</sup> Em inglês, ambos termos são comumente traduzidos como “*knowledge society*”. Embora Burch (2005) note que nas línguas latinas a noção de “conhecimentos” esteja atrelada a uma compreensão mais global ou analítica, enquanto a de “saberes” implica certezas mais precisas ou práticas, a autora afirma utilizar indistintamente os termos sociedade do conhecimento e do saber, fato que se direfe da perspectiva aqui adotada. A fim de marcar esta distinção, no resumo em inglês optamos pelo uso do termo “*wisdom*”, que concebido tanto como substantivo contável, como incontável, para marcar uma forma particular de sabedoria, que é base da proposta de construção para formação de ‘*Societies of Shared Wisdom*’.

<sup>3</sup> Sigla em inglês: *Data Information Knowledge Wisdom*. Tradução: Dado Informação Conhecimento Sabedoria.

vez, a informação, seria o dado em determinado contexto aplicável. Já o conhecimento, corresponderia a aplicação da informação, da compreensão de uma teoria.

A partir deste ponto de vista, o modelo piramidal que inclui a tríade (dado, informação e conhecimento) tem se demonstrado bastante popular ao adicionar a sabedoria ao topo destes elementos, por vezes, somado a inteligência como meio entre o conhecimento e a aquisição da sabedoria. No entanto, essa proposta hierárquica, conhecida pela sigla DIKW, vem sendo problematizada por diferentes perspectivas (Frické, 2019).

Sobre o modelo em questão Anna Carolina Ribeiro e Carlos dos Santos (2020) comentam que a proposta ilustra a percepção humana como um processo de transformação de dados até o desenvolvimento da sabedoria, baseado em sistemas de informação e seguidos de processos cognitivos da mente humana. Os autores explicam que apesar da ausência de representação gráfica durante sua concepção na década de 1980, o formato piramidal estabeleceu-se:

[...] baseado na suposição de que dado pode ser usado para criar informação; a informação para conhecimento; e o conhecimento para sabedoria (NURULIN et al., 2019; ROWLEY, 2007). Além disso, os elementos podem ser compreendidos como tendo valores crescentes correspondentes ao seu nível (ERMINE, 2013) ou como tendo aumento da abstração conforme o nível sobe (NAVEGA, 2007). Assim, entende-se que os quatro elementos DIKW são distintos, porém intimamente relacionados, fazendo parte de um mesmo fenômeno (REMOR; FIALHO; QUEIROZ, 2017). (Ribeiro; Santos, 2020, p. 71).

Contudo, na visão dos autores esta é uma representação frágil, merecedora de uma revisão, já que parece ser insuficiente para descrever uma relação complexa dos conceitos. Eles demonstram por meio de uma ilustração em cadeia, as idas e vindas de cada um dos elementos, que mesmo respeitando a hierarquia do modelo de origem não se configuram de forma linear. Ao atribuir a inteligência como parte integrante deste processo - que se encontra entre o conhecimento e sabedoria - demonstram uma relação recíproca com o conhecimento, que por sua vez, se relaciona aos demais elementos desta forma: “Para usar dados, criar informações, usar inteligência e aplicar sabedoria, o conhecimento existente é sempre necessário” (Ribeiro; Santos, 2020, p. 80). Diferentemente, a sabedoria segue ocupando a posição final, já que não há aquisição de inteligência a partir da sabedoria, e somente o inverso é possível. É sobre o olhar deste último nível, que traçamos nossa reflexão, sendo a sabedoria:

[...] orientada à ação, relacionada à experiência, ligada a valores e julgamentos, sendo também uma capacidade do agente. Mas diferentemente dos demais, parece relacionada a algo mais integrador,

compreendendo o interesse em escolher um comportamento apropriado à situação, por meio de análise e síntese do conhecimento, para obtenção de um resultado positivo em escala global (HOPPE et al., 2011) Como a camada posterior (ou mais elevada) no modelo DIKW engloba a anterior (ou a seguinte), a sabedoria se refere a usar o conhecimento de forma eficaz e eficiente (Ribeiro; Santos, 2020, p. 78).

De acordo com Martin Frické (2019) a sabedoria é a parte mais negligenciada nas discussões teóricas do campo da CI, já que poucos autores a discutem e até mesmo a utilizam em suas propostas. Para o autor, embora a sabedoria possa se aproveitar dos dados, informações e conhecimentos, ela coloca o desafio de ser pensada para além destas categorias.

O trabalho de Ocean Ripeka Mercier, Nathan Stevens e Anaru Toia (2012) a respeito do *Mātauranga Māori*, forma particular de sabedoria do povo Maori, aparece como um contraponto ao modelo piramidal DIKW. Os autores demonstram como diferentes lógicas de mundo - cosmovisões - podem introduzir novas compreensões para a questão. Para o povo Maori, por exemplo, ocorre uma inversão na base piramidal DIKW, sem que isso altere a ordem dos elementos, demonstrando que são os conhecimentos, as informações e dados que dependem dessa forma particular de sabedoria para serem transmitidos, e não o contrário.

[...] se a pirâmide DIKW é uma maneira de organizar dados e informações para produzir conhecimento, então essa variação é uma forma de entender o processo reverso que extrai conhecimento, informação e dados da sabedoria, para os contextos de uso prático da sabedoria e para a revitalização do *mātauranga* (Mercier; Stevens; Toia, 2012, p. 114, tradução nossa).

Em outras palavras, *Mātauranga Māori* revela seu sentido na própria *práxis* do seu povo, que por sua vez, está enraizada na tradição oral. Essa forma de compreender a sabedoria ocupa o lugar de maior relevância e maior volume de dados, que são utilizados como conectores da memória (Mercier; Stevens; Toia, 2012).

Aqui não temos a pretensão de validar os modelos apresentados, mas ao considerar que a sabedoria está intimamente aos valores culturais de cada povo ao desempenhar um papel essencial nos processos de entendimento da realidade e da aprendizagem, podemos justificar nossa adoção pela terminologia “saberes” em detrimento a “conhecimentos”, que pauta a proposta das ‘Sociedades dos Saberes Compartilhados’, valorizando a *práxis* como fundamento central desta forma de sabedoria proposta.

Por fim, a indígena maori Linda Smith (2018), colabora com essa reflexão, ao determinar em seus estudos o uso da expressão ‘compartilhamento de saberes’ ao invés de

‘compartilhamento de conhecimentos’, por entender que não se trata somente de compartilhar informações ou conhecimentos “de almanaque”, como sugere o último termo, mas sim de colocar em evidência as teorias, análises que influem na sua estrutura e representação, que torna possível integrar comunidades e pessoas que compartilham lutas e sonhos em comum.

### 3.2 A sabedoria guarani: uma ideia a ser compartilhada

A palavra *arandu* na língua guarani é formada pela junção das palavras *ára* e *ndu*. A primeira remete ao tempo, dia, enquanto a segunda vem do verbo *ohendu*, ação de ouvir, escutar, contemplar (Benites, 2014). No entanto, a definição do termo como um todo, demonstra-se como uma tarefa complexa, que aqui buscamos alimentar por meio de diversos olhares.

De acordo com a série audiovisual “Arandu” (GreenPeace, 2020): “alguns significados para o termo são “ouvir o tempo”, “vivenciar”, “conhecer com a experiência de vida, na relação intrínseca com o ambiente”, “entendimento”, “conhecimento”. Em uma palavra, esses vastos conceitos, talvez, poderiam ser sintetizados como “sabedoria”. Nesta compilação, destacam-se também qualidades como “observar, ouvir, contemplar, entender” como meio de conhecer, ou melhor, adquirir sabedoria.

Maria Aparecida Bergamaschi (2007), descreve *arandu* pela mesma qualidade do “sentir”, de fazer o tempo agir na pessoa, explicando que entre os Guarani prevalecem duas formas de aprendizagem:

Uma está ligada ao esforço pessoal: é a busca, desencadeada pela curiosidade que se desenvolve na pessoa, desde pequena. A outra é revelação e se relaciona à primeira, pois, para receber a revelação das divindades, a pessoa também faz um esforço para viver de acordo com o Nhande Reko. [...] As duas formas de aprender acima mencionadas estão ligadas ao tempo e, por isso, quanto mais velha, a tendência é ser a pessoa mais sábia e, conseqüentemente, mais respeitada por todos. [...] Para os Guarani, o conhecimento está acontecendo na busca de cada um junto aos mais velhos e numa sábia escuta da revelação (Bergamaschi, 2007, p. 202).

Tendo como base os relatos do povo Guarani, o antropólogo Diogo de Oliveira assume *arandu* como um fenômeno de qualidade particular, mas que se relaciona a uma “capacidade de sentir o tempo-espço ao longo da experiência no clima-mundo e saber como comportar-se e agir em meio a ele” (Oliveira, 2011, p. 40). O autor demonstra essa relação com uma forma de sabedoria “que não dá pra se colar no papel”, tem que “se aprender mesmo”,

conforme frisam as palavras do ancião centenário Guarani, Sr. Alcindo. Na investigação pelo termo, destaca-se ainda uma interlocução em que o mesmo afirma se tratar de uma ação de compartilhamento necessária para seu povo: “o guarani é diferente, o *djurua* (não indígena) quer o conhecimento só para si, o guarani não, ele tem que passar o seu *arandu* pra frente, tem que expirar pra ter mais” (Oliveira, 2011, p. 41).

Bartolomeu Melià (2019) ressalta também que a concepção *arandu* de “sentir o tempo” pode ser associada ainda a uma outra concepção de tempo/mundo:

O tempo guarani é também o mundo. Há um tempo que é a mesma <<redondeza do mundo>>: *ára apu’a*, *ára apu’aha*. Esse tempo redondo como o universo, porém, não é lineal, não é objeto de mediação, propriamente não se prolonga, embora se conheça passado e futuro. O tempo é uma <<paixão>>, porém também é um <<saber>> em vista da ação (Melià, 2019, n.p).

Yan Chaparro e Josemar Maciel (2020), com base o relato do Guarani Eliel Benites, tratam *arandu* como uma perspectiva sensível e concreta da produção de conhecimentos e realidade associada à noção de pessoa que “tecem o real como envolvimento, sentido/palavra traduzida por Eliel para diferenciar a produção de realidade Guarani, do sentido/palavra “desenvolvimento” que categoriza a realidade da sociedade envolvente” (Chaparro; Maciel, 2020, p. 13).

Complementa Sandra Benites Ara Rete (2020), também Guarani, afirmando que *arandu* está integralmente relacionado ao território, daí a importância da luta do seu povo para que essa transmissão dos saberes e processo próprio de ensino e aprendizagem seja possível. Essa forma de aprender passa pelo ouvir, sentir, observar e praticar acompanhando os mais velhos. Uma transmissão de sabedoria que ocorre no mais variado tempo-espaco. Segundo ela, trata-se de conceitos complexos, muitas vezes, erroneamente traduzidos pela visão de mundo do não indígena, que em suas palavras se valem da ‘frieza’ dos registros escritos, simplificando algo que é muito maior do que se pode ser lido.

As palavras, são potências concretas, pois produzem a realidade por todas as dimensões que rege e organiza a realidade Guarani. Palavras que estão na reza, na cura, no batismo, na luta, nas conversas, na condução da vida e na continuidade histórica Guarani como uma sociedade própria com modos de vida e produções de realidade que estão para além da invenção branca de desenvolvimento (Chaparro; Maciel, 2020, p. 15).

Aqui, longe de buscar uma tradução concreta para *arandu*, fato que não acreditamos ser possível, até porque “se o signo, o significante, for absorvido completamente pelo significado, pela significação, então a linguagem perde tal mágica e brilho” (Han, 2021, p. 101),

tivemos a intenção de demonstrar como as diversas compreensões se somam desvelando um modo de sabedoria particular que só pode ser concebida no caminhar, no seu próprio (des)envolvimento.

“Em vez de desenvolvimento, envolvimento”, diz o clamor do guarani Timóteo Verá Popyguá (2006). Na reflexão proposta pelo autor indígena, questiona-se o suposto progresso fruto do desenvolvimento, que se justifica como meio de destruição da natureza. Em contrapartida, propõe-se um caminho de envolvimento que tem como base fundamental o fortalecimento dos territórios tradicionais do povo Guarani.

Nosso futuro, nosso desenvolvimento, para os Guarani significa nosso conhecimento. Respeitar a natureza significa desenvolvimento. É diferente do branco. Eu já fico com receio quando fala desenvolvimento sustentável, desenvolvimento não sei o quê... Eu falaria na minha língua envolvimento (Popyguá, 2006, n.p).

Na visão de Chaparro e Maciel (2020) ‘desenvolvimento’ e ‘envolvimento’ podem ser compreendidos como dois rios que caminham ao contrário. Assim, embora simétricos, seguem caminhos contrários de modo e produção de vida. “[...] Essa noção de “desenvolvimento” só existe por conta da construção segmentada de pessoas, da relação natureza-cultura” (Chaparro; Maciel, 2020, p. 13), já o conceito de envolvimento “instala uma criteriosa racionalidade Guarani confeccionando simetrias e caminhos contrários entre a sociedade dos Guarani e a sociedade moderna/capitalista” (Chaparro; Maciel, 2020, p. 17-18).

Analogamente, diferentes povos, ao longo da história, veem enfrentando e resistindo as diferentes formas de colonialismo, encontrando saídas que parecem fortalecer uma outra proposta de (des)envolvimento. Conforme sugere o líder quilombola Nêgo Bispo dos Santos (2023) é necessário semear palavras, isto significa que, para enfraquecer o desenvolvimento, que é sinônimo de desconectar, devemos valorizar o envolvimento. Na mesma lógica, o autor fortalece a ideia de compartilhamento e não troca, já que não se trata de trocar uma coisa por outra. Diferentemente, “o compartilhamento é uma coisa que rende”, promove a confluência, que é “a energia que está nos movimentos de compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito” (Santos, 2023, p. 15).

Acrescenta Krenak (2019, p. 23) ao questionar: “Será que não está na hora da gente pensar em envolvimento com o mundo que nós compartilhamos?”. Apostamos que sim, que toda essa sabedoria ancestral possa nos sensibilizar e nos guiar para a construção de ‘Sociedades dos Saberes Compartilhados’. Isto requer superar a lógica fundante da ‘Sociedade

da Informação’, abrindo espaços para o envolvimento especialmente com aqueles grupos que historicamente foram excluídos, marginalizados e invisibilizados, para então encontrarmos outras saídas possíveis para um desenvolvimento verdadeiramente sustentável.

Em última instância, nos lembra Bauman (2007) que a utopia é o princípio de todo progresso - que aqui se desvincula da ideia desenvolvimentista para dar lugar a novas formas de envolvimento – como ensaio de um futuro melhor.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A usual controvérsia entre a ‘Sociedades da Informação’ e ‘Sociedade do Conhecimento’ tem pautado um extenso debate em torno de um dinamismo informacional que impacta diretamente nas formas e relações de vida que estamos construindo. Como demonstramos, nem uma nem outra, parecem ser satisfatórias e suficientes para lidar com os desafios que este tempo nos coloca. Assim, mais do que a intenção de descrever o atual momento, procuramos evidenciar outros caminhos possíveis em direção a uma proposta teórica e prática para a promoção das ‘Sociedades dos Saberes Compartilhados’.

À primeira vista, pode parecer redundante falar em sociedade, sem que para isso seus saberes sejam compartilhados. No entanto, como evidência Han (2015; 2017), no regime de informação imposto pelo capital, a própria noção de sociedade se esvai e apesar de hoje termos pleno acesso aos dados, informações e até conhecimentos, há uma carência de sabedoria.

Assim, ao eleger e nos debruçarmos sobre a noção *arandu*, que remete a uma forma de sabedoria particular do povo Guarani, não tivemos a intenção de fixar um conceito, mas sim de demonstrar como outras concepções de mundo (cosmovisões) ao serem compartilhadas potencializam o debate e nos ajudam a lidar com os problemas criados por nossa própria sociedade.

Nosso limite – ao menos neste trabalho – é valorizar esse envolvimento, para que mais à frente, possamos traçar novas reflexões em diálogo com os povos resistem a colonialidade e nos ensinam que é possível (re)existir. Por enquanto, finalizamos com a esperança de que as ‘Sociedades dos Saberes Compartilhados’, por sua própria ação crítica-reflexiva, possa gerar grandes impactos, especialmente àquelas áreas fundadas e capitalizadas por uma narrativa hegemônica, construindo caminhos de (inter)ação e (re)ação que nos direcionam a outras formas possíveis de (des)envolvimento.

## REFERÊNCIAS

- AMBROSI, Alain.; PIMIENTA, Daniel; PEUGEOT, Valérie. Rumo às sociedades dos conhecimentos compartilhados. In: AMBROSI, Alain *et al.* (coord.) **Desafios de palavras: enfoques multiculturais sobre as Sociedades da Informação**. Paris: C&F Éditions, 2005.
- ARA RETE BENITES, Sandra. Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola. In: ZEA, Evelyn S.; DARELLA, Maria Dorothea P.; MACHADO, Juliana Salles (orgs.) **Ações e Saberes Guarani, Kaingang e Laklãnõ Xokleng em foco: Pesquisas da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica**. Florianópolis: Edições do Bosque/UFSC/CFH/NUPPE, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BENITES, Eliel. **Oguata pyahu: Uma nova caminhada no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da Aldeia Te'yikue**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco, Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo Grande, 2014. Disponível em: <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/13832-eleil-benites.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2025.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Educação escolar indígena: um modo próprio de recriar a escola nas aldeias Guarani. **Cadernos CEDES**, v. 27, n. 72, p. 197–213. DOI: 10.1590/S0101-32622007000200006
- BURCH, Sally. Sociedade da informação/ Sociedade do conhecimento. In: Ambrosi, Alain; Peugeot, Valérie; Pimienta, Daniel. (org.). **Desafios de palavras: enfoques multiculturais sobre as Sociedades da Informação**. Paris: C&F Éditions, 2005.
- CHAPARRO, Yan Leite; MACIEL, Josemar de Campos. **Como dois rios que caminham contrário: um ensaio reflexivo com os Guarani sobre desenvolvimento**. Brasil: Ed. Terra Sem Amos, 2020.
- DZIEKANIAK, Gisele; ROVER, Aires. Sociedade do Conhecimento: características, demandas e requisitos. **DataGramZero**, [S. l.], v.1, n.5, out, 2011.
- FRICKÉ, Martin. The Knowledge Pyramid: the DIKW Hierarchy, **Knowledge Organization**, [S. l.], v. 46, n. 1, 2019.
- GREENPEACE. **Arandu: sabedoria Indígena**. Série de curta-metragem, 2020. Disponível em: <https://www.greenpeace.org/brasil/florestas/arandu-temos-muito-o-que-aprender-com-a-sabedoria-indigena/>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**. Petrópolis: Vozes, 2ed., 2021.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB**  
**Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

MATTELART, Armand. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2001.

MATTELART, Armand. Sociedade do conhecimento e controle da informação e da comunicação. *In*: Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 5., Salvador. **Anais** [...] Salvador, 2005.

MELIÀ, Bartolomeu. Tempo e tradição na cultura Guarani. **Revista Encontros Teológicos**, Florianópolis, v. 16, n. 2, 2019.

MERCIER, Ocean Ripeka; STEVENS, Nathan Stevens; TOIA, Anaru. “*Mātauranga Māori and the Data-Information-Knowledge-Wisdom Hierarchy: A Conversation on Interfacing Knowledge Systems.*” **The Mai Journal**, [S. l.], v. 1, n. 2 p. 103- 16, 2012.

NODARI, Sandra. Nomes e pronomes na Língua Portuguesa: a questão sexista no idioma e na academia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 29, v. 3, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n374197>

OLIVEIRA, Diogo. **Arandu nhembo'ea**: cosmologia, agricultura e xamanismo entre os Guarani-Chiripá no litoral de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2011.

POPYGUÁ, Timóteo Verá. "Em vez de desenvolvimento, envolvimento". **PIB Socioambiental** [online], 2006. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/%22Em\\_vez\\_de\\_desenvolvimento,\\_envolvimento%22](https://pib.socioambiental.org/pt/%22Em_vez_de_desenvolvimento,_envolvimento%22). Acesso em: 16 fev. 2024.

RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; SANTOS, Carlos Denner dos. Isso não é uma pirâmide: revisando o modelo clássico de dado, informação, conhecimento e sabedoria. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/149745>. Acesso em: 20 nov. 2023.

RIGHETTO, Guilherme Goulart; KARPINKSI, Cezar. For a decolonial social epistemology. **TransInformação**, Campinas, n. 33, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/2318-0889202133e200039>.

SAMASSÉKOU, Adama. Foreword (Prefácio). *In*: JØRGENSEN, Rikke Frank (ed.), **Human Rights in the Global Information Society**. London, England, The MIT Preess, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Ed., 2023.

SEMIDÃO, Rafael Aparecido Moron. Dados, informação e conhecimento: elementos de análise conceitual. **DataGramZero - Revista de Informação**, [S. l.], v. 14, n.4, ago. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8428>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.